

DIMENSÕES DO COMPORTAMENTO SOBRE VALORES DE ADOLESCENTES ESTUDANTES DE ESCOLAS DO RECIFE

BEHAVIORAL DIMENSIONS OF ADOLESCENT STUDENTS VALUES OF RECIFE SCHOOLS

Nemésio Dario Vieira Almeida ¹

Resumo

Este trabalho teve como objetivo conhecer os valores de jovens estudantes, além de verificar possíveis diferenças desses valores em função de outros estudos. Participaram desta investigação 1258 alunos do ensino médio, das escolas públicas e particulares do Recife, Pernambuco, Brasil. Os valores foram abordados seguindo o instrumento de Avaliação do Plano Ético, uma escala que avalia as dimensões do comportamento dos jovens sobre valores. Os resultados indicam que os estudantes são otimistas em relação ao progresso da sociedade, e também razoavelmente otimistas quanto às chances de se realizar na vida, atribuem grande confiança às pessoas de seu círculo privado (pais, amigos) e se sente por eles bem mais influenciado quanto a seus valores do que pela escola, pela mídia e pela religião, vindo a corroborar estudos já realizados.

Palavras-chave: Adolescência. Estudantes. Valores. Psicologia moral.

Abstract

This study aimed to know the values of young students, and to investigate possible differences of these values according to other studies. The sample consisted of 1258 high school students, public and private schools in Recife, Brazil. The values were discussed following the evaluation instrument Ethical Plan. This scale assesses the dimensions of the behavior of young people about values. The results indicate that students are optimistic about the progress of society, and also reasonably optimistic about the chances of being accomplish in life, people attach great confidence to his private circle (parents, friends) and feel much more influenced by them about their values than by the school, the media and religion, what corroborates previous studies.

Keywords: Adolescence. Students. Values. Moral psychology.

¹ Doutor em Psicologia pela UFPE, Analista Judiciário, Psicólogo do TJ-PE, Pesquisador do Grupo do Núcleo de Pesquisa em Epistemologia Experimental e Cultural – NEC do PPG em Psicologia Cognitiva da UFPE, Recife – PE – Brasil. Email: nemesiodario@hotmail.com. Correspondência para Dr. Nemésio Dario V. Almeida, Rua Adonis de Souza nº26-Qd.19, Pina, CEP 51110-210, Recife, PE, Brasil. E-mail: nemesiodario@hotmail.com Fone: (81) 30335809/88397871

Cada um desses homens (Lincoln, Gandhi e Martin Luther King) sentia muito profundamente que o âmago da moralidade (e o âmago da sociedade) era o igual respeito pela dignidade humana. Cada um deles foi capaz de mostrar o respeito mútuo pressuposto pelo ponto de vista moral, reconhecendo a exigência moral de se engajar em diálogo com aqueles que discordavam profundamente deles. Foram essas características que os tornaram não apenas grandes visionários morais, mas também grandes educadores morais.

Lawrence Kohlberg (1992)

Iniciamos este estudo com uma citação de Kohlberg (1992), falando dos grandes educadores morais, para dizermos que o estudo da psicologia moral é uma área que remonta ao surgimento da própria história da psicologia. No momento em que essa disciplina consolidou-se como uma ciência independente, a categoria moral tem sido um de seus objetos de investigação. Assim, em 1932, Piaget (1994) publicou o livro *O Julgamento Moral na Criança*, em que a partir de entrevistas com crianças, passa a analisar as regras do jogo social e a formação das representações infantis, os deveres morais e as ideias sobre mentira e justiça entre outras, tendo o mesmo se tornado um clássico da literatura psicológica (Freitas, 2003; La Taille, 1992; Lourenço, 1992). Foi a partir daí, que esse campo de estudo se desenvolveu e fez surgir novas investigações ininterruptamente (Biaggio, 2006; Dellazzana-Zanon, Bordini, Sperb e Freitas, 2013; Imanishi, Passarelli & La Taille, 2011; Killen e Smetana, 2006; La Taille, 2006a, 2006b, 2001, 2009, 2010, 2011, 2014; La Taille, Y. & Harkot-de-La-Taille, 2006; Lima, 2004; Sampaio, 2007).

Por outro lado, o tempo em que estamos vivendo é marcado pela cultura do exagero, do desrespeito pela dignidade humana, do individualismo, do consumismo, do corpo escultural, da internet na qual tudo tem que ser urgente, assim, ao mesmo tempo em que vivemos uma época de muitas transformações, no dizer de Bauman (2004), vivemos o ritmo acelerado de um tempo transitório e líquido. A prosseguir nesse ritmo, chegaremos a uma identidade sem valores éticos, como já se começa a visualizar nas instituições de poder e nos partidos políticos. O presente é experimentado com sensações de medos em que o sentimento de liberdade se torna ausente.

De acordo com os autores Cortella e La Taille (2009), o tema dos valores na escola e na sociedade tem sido uma demanda, praticamente se encontra na ordem do dia, sendo assim para La Taille, “parece-me que existe uma crise de confiança nas relações entre as pessoas: elas consideram as relações humanas cada vez mais violentas, nas quais predominam insensibilidade e desconfiança” (Cortella & La Taille, 2009, p.8). Continuando, a impressão que se tem é que estamos vivendo uma época na história da humanidade em que sofremos de um fenômeno conhecido na sociologia como anomia, em que praticamente, conforme Durkheim (1897/2011) é percebido comumente como uma falta de regras e leis.

Dessa forma, tem-se discutido a respeito do vazio de sentido por que passamos na contemporaneidade, e ainda, de acordo com Taylor (1989/1997) “mesmo que isso não nos agrada, o problema do sentido da vida é inevitável, seja porque tememos perdê-lo, seja porque dar um sentido a nossas vidas é objeto de uma procura” (p.34). O autor enfatiza em fazer um diagnóstico dos tempos atuais, quando afirma, “a predominância do vazio define nossa época” (p.34). Temos agora que diante desse quadro, surgem os adolescentes, que se encontram no momento de lançar-se no futuro,

tendo que adotar resoluções sobre que vida boa vai escolher sobre o que vão fazer e ser. Infelizmente a realidade tem mostrado um crescimento da violência, um desinteresse pelo conhecimento e o exercício intelectual, tudo isso indica para os autores La Taille & Harkot-de-La-Taille (2006), ser indicio de um mal estar ético.

Considerando o exposto, pretende-se com esta investigação contribuir particularmente com um estudo a respeito do vazio de sentido em jovens do ensino médio de escolas públicas e particulares da cidade do Recife através de um estudo comparativo, replicando o instrumento de Avaliação do Plano Ético (APE), criado pelos pesquisadores La Taille & Harkot-de-La-Taille (2006), que objetiva analisar três dimensões do comportamento dos jovens sobre valores: 1) eu/sociedade, com temas relacionados às instituições e agentes institucionais; 2) eu/outro, com temas direcionados ao convívio nos espaços público e privados; e 3) eu/eu, com tema que diz respeito a projetos de vida e confiança na sua realização. E ainda, para os criadores da APE demonstrar a presença de tal mal-estar e procurar apreender suas causas parecem ser fundamentais, especialmente para guiar políticas públicas para a educação de crianças e jovens. Eis o alvo desse trabalho que passamos a expor.

MÉTODOS

PARTICIPANTES

Este estudo se realizou com 1258 discentes de instituições de ensino médio do Grande Recife, sendo 630 de instituições públicas e 628 de instituições particulares. Os alunos pesquisados apresentaram as seguintes características sociodemográficas: a maioria é do gênero feminino (54%), com idade variando entre 14 e 19 anos, com a idade média de 15,9 anos. No total, 6,4%

dos educando têm 14 anos; 32%, 15 anos; 32,5%, 16 anos; 21,1%, 17 anos; 7%, 18 anos, e 1% tem mais de 18 anos de idade.

INSTRUMENTO

O desenho deste estudo foi pensado para a replicação da pesquisa de La Taille & Harkot-de-La-Taille (2006), que utiliza o questionário de Avaliação do Plano Ético (APE). Inicialmente, foi solicitada autorização aos autores do instrumento, para sua utilização. Após o recebimento da autorização e o envio do questionário, começamos a fase de aplicação nas escolas públicas e particulares na cidade do Recife, Pernambuco.

O inventário é composto de várias alternativas, com 19 itens que podem ser classificados em três grandes categorias ou dimensões: 1) eu/sociedade, com questões pautadas sobre instituições e agentes institucionais; 2) eu/outro, com questões envolvendo o convívio nos espaços público e privados; e 3) eu/eu, com questões voltadas a projetos de vida na sua realização. No instrumento também havia questões referentes a dados sociodemográficos. O estudo foi desenvolvido no segundo semestre de 2012 na cidade do Recife.

PROCEDIMENTO

Após aprovação do Comitê de Ética, e em conformidade com a Resolução nº 196/96 do Ministério da Saúde (1996) e a Resolução nº 016/2000 de 20/12/2000 do Conselho Federal Psicologia (2000), demos início à coleta de dados.

Os jovens responderam ao inventário individualmente, porém em ambiente coletivo de sala de aula. Uma vez obtida a autorização do professor da disciplina, o aplicador se apresentava informando que se tratava de

uma pesquisa sobre projeto de vida pessoal e social, não havendo respostas certas ou erradas. Foram informados ainda, mediante um Termo de Consentimento Esclarecido, acerca do caráter voluntário da participação na pesquisa, bem como da possibilidade de deixar de participar em qualquer momento da coleta de dados – no final, todos os alunos abordados decidiram participar. Os jovens menores de idade levaram os Termos de Consentimento para serem assinados por pais ou responsáveis, enquanto os maiores assinaram o Termo de Consentimento, os quais foram recolhidos no dia seguinte, antes da aplicação da pesquisa. A todos foi assegurado que suas respostas seriam confidenciais, devendo ser tratadas estatisticamente e coletivamente. Em média, 15 minutos foram suficientes para concluir sua participação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

EU/SOCIEDADE: AS INSTITUIÇÕES E OS AGENTES INSTITUCIONAIS

Os resultados e discussões aqui apresentados serão comparados em função da investigação já realizada em 2005 na Grande São Paulo por La Taille & Harkot-de-La-Taille (2006). Iniciamos a exposição dos resultados com a apresentação das questões distribuídas na categoria eu/sociedade, objetiva pesquisar o valor conferido às instituições e agentes sociais que nos remetem a todos os cidadãos e a confiança neles depositadas. Tendo dessa forma que projetos de vida abrangem conforme os estudiosos La Taille e Harkot-de-La-Taille (2006), “necessariamente, a participação na chamada sociedade civil, importante é saber como nossos sujeitos se situam perante a mesma” (p.154).

A POLÍTICA

De acordo com os autores La Taille e Harkot-de-La-Taille (2006), em um proces-

so democrático, a relação de cada cidadão com a sociedade decorre essencialmente pela esfera do poder, ou seja, através da política: “logo, o valor atribuído aos políticos, aos partidos políticos e aos poderes tem importância crucial: afinal é deles que depende, em grande parte, o futuro da sociedade, a qualidade de vida dos cidadãos, o progresso social, entre outros fatores” (p.162). Acrescentemos a isto, que o futuro e a realização pessoal dos jovens estão atrelados aos que deliberam os mandatários políticos.

Inicialmente solicitamos aos pesquisados que julgassem a importância para o progresso da sociedade do Poder Judiciário, vejamos os resultados obtidos. Assim, tomando a amostra geral, 94,6% dos estudantes avaliaram sua importância. Os alunos que se autoavaliaram negativamente no quesito desempenho escolar se mostraram mais críticos: 8,5% consideram os juizes pouco ou nada importantes, contra 5,1% dos alunos de notas médias e 4,7% daqueles de notas boas.

Em um levantamento realizado durante o ano de 2005, por La Taille e Harkot-de-La-Taille (2006), na Grande São Paulo, com 5.160 alunos do ensino médio, 2.160 de escolas particulares e 3.000 de escolas públicas, os percentuais encontrados foram: 87,7% as respostas que apontam para a importância do Poder judiciário. Os alunos que se autoavaliaram negativamente no quesito desempenho escolar se mostraram mais críticos: 22,3% consideram os juizes pouco ou nada importantes, contra 13% dos alunos de notas médias e 9,5% daqueles de notas boas. Assim, no presente levantamento e o realizado com os jovens paulistanos, podemos constatar praticamente resultados bem próximos um do outro, isso vem mostrar a legitimidade dos trabalhos desenvolvidos no Recife e o realizado na Grande São Paulo.

Sintetizando esses resultados, constatamos que, por um lado, quase em sua

totalidade, os estudantes indicam que os juizes são importantes para o progresso da sociedade 94,6% e, por outro, uma parcela média 53,6% que não atribui confiança ao poder político correspondente. No trabalho do Sudeste do Brasil, esses percentuais foram de 87,7% e 70% simultaneamente. De acordo com La Taille e Harkot-de-La-Taille (2006), podemos concluir que esses dados dos dois trabalhos que se convergem, não são inconsistentes: “pode-se muito bem pensar que determinados agentes sociais têm papel relevante para o progresso social (do ponto de vista sociológico e político, é certamente correto) e também pensar que não merecem confiança para exercer tal papel” (p. 163). E ainda para os autores tal “dissociação entre atribuição de importância e de confiança coloca um quadro pouco alentador e revela um grande pessimismo por parte da maioria de nossos sujeitos (p. 163).

Passamos a apresentar os resultados relacionados ao que os jovens pensam a respeito da importância dos políticos para o progresso da sociedade, o grau de confiança nos partidos políticos e o grau de confiança no Congresso Nacional. A essa altura nos chama atenção por verificarmos novamente quadro semelhante em relação aos políticos, aos partidos políticos e ao Congresso Nacional, nos dois estudos. Assim como o fizeram em relação aos juizes, a maioria de nossos participantes 64,3% pensa que os políticos são importantes para o progresso da sociedade. Já os discentes de São Paulo tiveram percentuais de 66,8% e 51,6% respectivamente.

Em suma, tanto os dados do presente estudo como os do Sudeste do Brasil, nos permitem inferir que os partidos políticos e o Poder Legislativo merecem ainda menos confiança que o Poder Judiciário, ainda que os políticos sejam avaliados como importantes para o desenvolvimento do país. Conforme os autores La Taille e Harkot-de-La-Taille (2006), “vale aqui o que comentamos para os juizes: não há contradição

entre afirmar importância social e negar confiança. Mas esses dados são de suma importância, notadamente para um regime democrático” (p.165).

A ESCOLA

Perguntamos aos discentes qual o grau de importância dos professores para o progresso da sociedade, vejamos as respostas.

Tabela 1. Porcentagem em relação à importância dos professores para o progresso da sociedade (n=1258). Recife (PE), 2012-2013.

(VER NO FINAL)

Assim, da mesma forma como fizemos para outros agentes institucionais (médicos, juizes, economistas, entre outros), constatamos que os docentes são muito bem prestigiados: um total de 99,2% pensa que são muito importantes (83,9%) ou simplesmente importantes (15,3%). Os mestres igualaram-se, deste modo, aos médicos 99,6%, conforme os pesquisados.

Também no trabalho desenvolvido com o alunado paulistano, os educadores são muito bem conceituados pelos mesmos: um total de 98% pensa que são muito importantes (71,3%) ou simplesmente importantes (26,7%), do mesmo modo os professores obtiveram resultados iguais aos médicos (99,2%). Conforme os criadores do instrumento APE, este é um resultado importante: “os professores são vistos como agentes essenciais para a sociedade e seu progresso. Tal diagnóstico parece contrariar o senso comum atual, segundo o qual os professores teriam perdido status social”(p. 168).

A próxima pergunta sobre a escola solicitava aos respondentes que avaliassem seu grau de confiança depositado na insti-

tuição escola. Os resultados foram os seguintes, lembremo-nos que a escola inspira mais confiança que as demais instituições, com exceção da família (dados que veremos analisados no item Eu/outro).

Tabela 2. Porcentagem em relação ao grau de confiança na escola (n=1258). Recife (PE), 2012-2013.

(VER NO FINAL)

Na amostra total aqueles estudantes que confio muito e confio, temos que a escola aparece com 73,4%, contra 45,8% para os meios de comunicação, 71% para as instituições religiosas, 46,4% para o Poder Judiciário, 20,9% para o Congresso Nacional e 4% para os partidos políticos (a família recebe 97% das respostas). Logo, entre as instituições públicas (a família pertence ao espaço privado), a escola é a que merece maior confiança por parte dos jovens do ensino médio. Também se observa que são bem poucos os jovens que nela não confiam (3,7%), mas não é de todo desprezível o número daqueles que nela confia pouco (22,9%). Igualmente não é indiferente o fato de haver poucos alunos que dizem confio muito na escola: apenas 15,7 (para a família, o número sobe para 80,6%).

Em relação ao estudo desenvolvido no Sudeste do Brasil, os dados estão bastante alinhados com o que estamos apresentando, então vejamos, na amostra total aqueles que confio muito e confio, temos que a escola aparece com 70%, contra 57,1% para os meios de comunicação, 55% para as instituições religiosas, 30,5% para o Poder Judiciário, 27,7% para o Congresso Nacional e 3,9% para os partidos políticos (a família recebe 97,4% das respostas).

Igualmente entre as instituições públicas a escola foi a que mereceu maior confiança por parte dos educando. Assim como na pesquisa que desenvolvemos aqui

no Nordeste, verifica-se também que são bem poucos os jovens que nela não confiam (5,5%), mas não é de todo desprezível o número daqueles que nela confia pouco (23,5%). Também não é desprezível o fato de haver poucos alunos que dizem confio muito na escola: apenas 11,9% (para a família, o número sobe para 80,7%).

Em resumo, esses resultados reunidos com aqueles sobre a importância dos mestres para a sociedade, indicam uma boa avaliação pelos jovens quando o assunto é escola, para quem esperava um afastamento entre a escola e os estudantes.

Nesse momento destacamos uma diferença que merece ser considerada, 77,7% dos alunos de escola particular mostram-se mais confiantes na escola que 68,9% de seus colegas de escolas públicas. Em relação a não confiança, temos que 19,8% dos alunos de escolas particulares dizem confiar pouco nelas, enquanto esse número sobe para 25,9% entre aqueles que frequentam escolas públicas.

Já na investigação procedida com os alunos paulistanos, os valores encontrados ficaram bem próximos ao presente estudo, 75,4% dos alunos de escola particular falaram ser mais confiantes na escola que 67,4% de seus colegas de escolas públicas. Em relação à não confiança, temos que 19,1% dos alunos confiam pouco nelas, enquanto esse número sobe para 26,7% entre aqueles que frequentam escolas públicas. Assim, essas diferenças não são tão significativas, mas como giram em torno de 10% devem ser levadas em consideração.

A INFLUÊNCIA DOS PROFESSORES SOBRE OS VALORES DOS ESTUDANTES

Uma terceira pergunta na qual também se contempla a referência a educandário, assim como o fizemos para outros agentes sociais, se refere ao julgamento

que fazem os jovens a respeito da influência que exercem seus professores sobre seus valores. A pergunta era Qual o grau de influência de seus professores sobre os valores que você tem hoje? Vamos às respostas dadas pelos jovens. Entre os agentes sociais do espaço público, vê-se que os educadores são vistos como tendo menos influência por 65,9% dos alunos, se comparado com as instituições religiosas com mais influência por parte dos alunos 71% (os amigos receberam 63,3%, os meios de comunicação receberam 45,8%, e as propagandas 39,3%).

Mas eles ficam atrás dos pais com 92,5%. No trabalho já citado anteriormente procedido no Sudeste do Brasil, os autores encontraram os seguintes dados, 66,7% são mais influenciados pelos professores (os meios de comunicação receberam 56,9%, as instituições religiosas, 47,9%, as propagandas, 40,8%. Mas eles ficam bastante atrás dos pais (92,6%) e dos amigos (72,9%), os professores são vistos como tendo mais influência, ao contrário da presente pesquisa do Nordeste do Brasil em que as instituições religiosas são vistas como tendo mais influência que os docentes.

Outra vez, devemos ressaltar que são poucos os estudantes que pensam que os professores têm muita influência sobre seus valores 17,3% e que 29,7% da amostra pensam que eles têm pouca influência. Já no levantamento os jovens das escolas da cidade de São Paulo, os dados encontrados estão bem próximos do presente estudo, 14,9% acham que têm muita influência e 27,3% acham que têm pouca influência. Tais achados são coerentes com aqueles referentes ao grau de confiança, e as discussões feitas anteriormente também valem para essa questão.

Temos então que os resultados até aqui apresentados novamente mostram que os jovens das duas Regiões do Brasil, Sudeste e Nordeste, não são diferentes quanto a terem uma boa avaliação da es-

cola, vindo conseqüentemente comprovar que os docentes ainda são bem avaliados pela grande maioria dos estudantes, apesar de se comentar o contrário. Passaremos a apresentar os achados referentes aos aspectos da relação Eu/outro:

O EU/OUTRO: O CONVÍVIO NOS ESPAÇOS PÚBLICO E PRIVADOS

Para La Taille e Harkot-de-La-Taille (2006), “é em boa parte convencional a fronteira que separa os temas que colocamos na classe eu/sociedade daqueles que escolhemos para a classe eu/outrem. Todos dizem respeito às relações sociais” (p. 173), contudo, os autores acharam melhor discuti-los de forma separada as respostas dadas no que se refere a instituições (como o Poder Judiciário) ou agentes institucionais (como os médicos) e aqueles que tratam do outro, “sem que um lugar preciso lhe seja atribuído”. Foi pensado de forma destacada o tema família, que não deixa de ser igualmente uma instituição social, contudo esta diretamente ligada à esfera privada, aos contatos mais próximos. Os resultados mostrados a seguir foram divididos em três tópicos: as relações conflituosas, o espaço privado e as virtudes morais.

AS RELAÇÕES CONFLITUOSAS

Iniciemos por averiguar como eles consideram “as potencialidades de harmonia social”. Para tanto, foi solicitado que examinasse a proporção de amigos e adversários que temos no mundo de hoje. Foram propostas cinco alternativas: temos muito mais ou mais adversários que amigos, temos tanto adversários quanto amigos, ou temos menos ou muito menos adversários que amigos.

Assim, quando reunimos os dois itens que remetem em mais adversários

que amigos, temos mais da metade da totalidade dos jovens 61,9% que apresentam comportamento pessimista em relação à harmonia e à paz. E quando adicionamos a esses 61,9% a percentagem de alunos que pensam que temos tanto adversários quanto amigos, temos a quase totalidade das respostas 93,7%. Isto significa dizer, que apenas 6% da amostra acreditam ser mais provável terem mais amigos que adversários.

Esses resultados apresentados revelaram similaridades aos encontrados na investigação desenvolvida na Grande São Paulo (La Taille e Harkot-de-La-Taille, 2006), assim, ao somarem também as percentagens dois itens que remetem em mais adversários que amigos, acharam que 55% dos jovens apresentam comportamento pessimista em relação à harmonia e à paz. E quando adicionaram a esses 55% a percentagem de alunos que pensam que temos tanto adversários quanto amigos, tiveram também a quase totalidade das respostas 91,8%. Revelando que apenas 8% da amostra julgam ser mais provável terem mais amigos que adversários. Dessa forma, concluímos que para a grande maioria as relações sociais no âmbito do público mostram-se conflituosa e perigosa.

Infelizmente os achados que se seguem ratificam esse perfil. Dessa forma, em outra questão, indagamos aos jovens se, no mundo de hoje, os conflitos são muito mais, mais, menos ou muito menos resolvidos pela agressão que pelo diálogo.

Consistentemente com os resultados a respeito da proporção entre adversários e amigos, esses mostram que 86,3% dos púberes pensam que a norma é a agressão, não o diálogo. No levantamento procedido com colegas paulistanos, encontrou-se que quase a totalidade dos jovens 90,5% pensa que a regra é a agressão, não o diálogo, coerente com os dados do Recife, e ainda,

pode-se dizer que o jovem de hoje pensa mais viver em um mundo de possíveis adversários agressivos do que em um mundo de possíveis companheiros dispostos a dialogar quando há conflito (...) encontramos o perfil de um jovem disposto a desertar o espaço público e a resguardar-se no espaço privado, junto a familiares e amigos. (La Taille & Harkot-de-La-Taille, 2006, p.174).

A realidade desse perfil será confirmada mais adiante conforme outros dados vão surgindo. Porém, observemos primeiro o que acham nossos respondentes a respeito de preconceitos e das possíveis dificuldades para se ter uma vida que vale a pena ser vivida. Indagamos-lhes quem sofre mais preconceito na sociedade: Mulheres? Deficientes? Doentes de AIDS? Negros? Adolescentes grávidas? Ou pessoas pobres?

De acordo com os jovens, as pessoas pobres e os negros são as principais vítimas de preconceitos em nossa sociedade, isso vale para as duas investigações, no Recife 45,3% dos jovens acham que as pessoas pobres sofrem mais preconceitos, e depois vem os negros com 22,3%. Em São Paulo, as percentagens giraram em torno de 37,8% para os pobres e 33,6% para os negros. Nesse momento, vem o questionamento, por que os jovens escolheram essas duas categorias?

O ESPAÇO PRIVADO

Nesse momento vejamos qual o grau de confiança que nossos discentes atribuem à família. Eles tinham que escolher entre quatro alternativas: confio muito, confio, confio pouco e não confio. Foi constatado que 80,6% dos estudantes revelaram confiar muito na família, percentual que, somado ao confiar, nos dá a quase totali-

dade da amostra 97%. Anteriormente verificamos que a escola, digna de confiança para 73,4% dos jovens pesquisados, apresentava apenas 15,7% para a opção confio muito. Prontamente, a família aparece bem na frente das outras instituições sociais em termos de confiança, e isto vale tanto para os alunos da escola pública e particular, e vale também para ambos os gêneros.

Já em relação à investigação procedida no Sudeste do Brasil, os dados encontrados também convergem com os dados pesquisados aqui no Nordeste, então vejamos, 80,7% dos estudantes paulistanos asseguraram confiar muito na família, número que, somado ao confiar, nos dá a quase totalidade da amostra 97,3%. Já a escola, digna de confiança para 71% dos jovens, apresentava apenas 11,9% para a opção confio muito. Assim também, a família aparece na dianteira das outras instituições sociais em termos de confiança, e isto serve para tanto para os estudantes de ambos os gêneros quanto para o tipo de escola.

Observamos assim, que esses resultados estão bem próximos aos dos jovens recifenses, ou seja, os jovens dos dois estudos apresentaram uma alta confiança na família, contrariando um pouco o que a mídia praticamente tem veiculado sobre o comportamento dos jovens brasileiros, no que se refere à descrença em relação à instituição família.

Passamos a apresentar agora o quanto os pais são vistos como importantes na formação de valores. Primeiro, recordemos os resultados anteriores concernentes a outros agentes sociais. Somando muita influência e média influência, temos para os professores 65,9%, para mídia 39,3%, para as propagandas, 21,4% e para as instituições religiosas, 63,3%.

Da mesma forma como ocorreu para o grau de confiança, é alto o número de opções pela alternativa muita influência dos pais sobre os valores dos alunos 61,1%.

Para os demais agentes sociais, esse número não ultrapassa 11,0% (para a mídia). A soma das respostas muita influência e média influência, 92,5%, também superam largamente as percentagens dos demais agentes sociais (os professores, segundos colocados, ficam com 65,9%).

No levantamento procedido na Grande São Paulo, também foi alto o número de opções pela alternativa muita influência 67,6%. Já a soma das respostas muita influência e média influência, empataram com a do Recife, 92,7%, também superam largamente as percentagens dos demais agentes sociais (os professores, segundos colocados, ficam com 66,7%). Constatamos assim, que os pais, ocupam um lugar privilegiado para os colegiais de ambas as pesquisas, a aqui apresentada e a da Grande São Paulo, valendo tanto para escola pública quanto particular.

Localizamos uma diferença no que se refere ao gênero: 66,4% das moças optaram pela alternativa muita influência, enquanto 54,9% dos rapazes fizeram a mesma opção. Os nossos dados convergem com o levantamento realizado em São Paulo, em que 71,6% delas optaram por muita influência, enquanto 63% deles escolherem a mesma opção. Estas diferenças de 11% e 9% para as duas investigações tendem a revelar que elas são ainda mais vinculadas à família que eles.

Vejamos agora como se situam os amigos como fonte de influência de valores. Ao somamos as duas opções, muita influência e média influência, temos 63,3% o grau de influência dos amigos sobre os valores dos discentes, já para os paulistanos esse percentual sobe para 72,8%, uma diferença de 10% entre os dois estudos, ou seja, para os jovens paulistanos, é maior o grau de influência dos seus amigos sobre os valores que tem hoje. Como se vê, para as duas investigações, os amigos são vistos como menos influentes que os pais, entretanto mais do que os professores. Es-

ses dados, junto com os demais, mostram bem a clara preferência que os estudantes do Recife e de São Paulo dão ao espaço privado em relação ao espaço público.

AS VIRTUDES MORAIS

De acordo com autores La Taille (2000) e Nucci (2001), todos os comportamentos que favorecem outras pessoas merecem o nome de moral. Sendo assim, a disciplina Psicologia Moral se expande, não se justificando mais se dedicar simplesmente ao estudo da virtude justiça, que pode ser muito importante, contudo não é exclusiva. Dessa forma, definições sobre moral que apresentam exclusivamente comportamentos altruístas trazem problemas, como por exemplo, na justiça o que está em jogo é a reciprocidade, não a peculiaridade do outro ou o desapego, como no caso da generosidade.

No entanto, o que é uma virtude? Comte-Sponville (2010) fala de uma disposição adquirida que impulsiona a fazer o bem. Assim, virtudes são valores morais vivenciados em atos, valores não naturais que precisam ser adquiridos. E ainda, conforme La Taille (2001), o valor moral dado a uma virtude depende do princípio ético aceito no meio social e, com base nesses princípios, avalia-se o caráter de uma pessoa a partir de seus comportamentos; lembrando que tais comportamentos foram adquiridos, porquanto não são naturais.

Ao completar a análise das respostas relacionadas ao eu/outrem, observemos como eles e elas consideram a primazia da moral e de determinadas virtudes para a sociedade. Inicialmente foi pedido aos discentes que de cinco itens, entre os quais a ciência, moral, política, religião e arte, escolhessem o mais importante, como é mostrado a seguir.

Tabela 3. Porcentagem em relação: Qual dos 5 itens você acha mais importante para a sociedade? (n=1258). Recife (PE), 2012-2013.

(VER NO FINAL)

Sendo assim, os dados revelaram que a moral obteve 62,5% das respostas por parte dos colegiais, mais da metade, seguida da religião com 19,7%, e quase empatada a ciência 7,6% e a política 7,2%, e por último a arte com 3% das respostas. Um pouco diferente da investigação com os estudantes paulistanos, em que a moral obteve 59%, e o que veio logo em seguida com o maior número de respostas, foi a ciência com 15,3%, seguidos da política com 10,7%, a religião com 10,2% e por fim a arte com 4,7%.

De qualquer forma para as duas investigações, a moral desponta como a mais importante entre as demais virtudes, assim também em diversos estudos realizados a categoria moral aparece como uma virtude mais relevante (Colombo, 2010; Gomide, 2010; Rossetti & Ortega, 2012; Vale & Alencar, 2012). E ainda, tal resultado é consistente com o evento que os adolescentes perceberam:

o espaço social como lugar de agressão, e de pensarem estar mais rodeados de adversários do que de amigos. A moral é justamente o sistema de valores, princípios e regras que visa a, entre outras coisas, dar paz e harmonia às relações sociais. Parece haver uma demanda de moral por parte de jovens, demanda esta correlata do diagnóstico de sua ausência na sociedade (La Taille & Harkot-de-La-Taille, 2006, p.178-179).

A IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDA ÀS VIRTUDES

Passamos agora a analisar a importância que eles atribuem à virtude, come-

ceamos por duas virtudes não morais a solidariedade e competência profissional, duas morais, responsabilidade e tolerância, e uma tanto moral quanto jurídica (a justiça), vejamos os resultados:

Gráfico 1. Porcentagem em relação: Qual das 5 virtudes é mais importante para a sociedade? (n=1258). Recife (PE), 2012-2013.

(VER NO FINAL)

Devemos ressaltar que para boa parte dos filósofos da moralidade, a justiça é a virtude moral por primazia, sem a qual, como afirmava Adam Smith, nenhuma sociedade é viável (La Taille & Harkot-de-La-Taille, 2006). Observamos que os estudantes dos dois estudos (Grande São Paulo e do Recife) concordam com essa ideia. Ressaltamos que as três virtudes morais (tolerância 4,2%, responsabilidade 23,5% e justiça 30,8%) somam juntas 58,5% das escolhas. Observemos também que a justiça 30,8% só perde para a solidariedade com 34,4%. Porém tem-se um resultado que vale ser destacado: a ocorrência de a tolerância ser objeto de apenas 4,2% das respostas, ou seja, abaixo dessa virtude pragmática que é a competência profissional 7% e abaixo de solidariedade 34,4%.

Já em relação ao levantamento procedido no Sudeste do Brasil, temos que as três virtudes morais (tolerância 6,1%, responsabilidade 35,3% e justiça 44,5%) somam juntas 86% das escolhas. Aqui também, tem-se um resultado que vale ser destacado: a ocorrência de a tolerância ser objeto de apenas 6,1% das respostas, ou seja, abaixo dessa virtude pragmática que é a competência profissional 14,1%.

Um levantamento realizado durante o ano de 2000, por La Taille e Harkot-de-La-Taille (2000, citado por La Taille & Harkot-

-de-La-Taille, 2006), revelou também um resultado consistente com o que discutimos anteriormente. No estudo foi solicitado a 438 discentes do ensino médio do município de São Paulo, metade de escola particular e a outra pública, que elaborassem um ranking por ordem de importância de 10 virtudes (coragem, fidelidade, generosidade, honra, prudência, polidez, tolerância, justiça e humildade), tendo sido constatado que a tolerância ficou em último lugar.

Vivemos em momento histórico, em que se debatem temas como preconceito e racismo, avaliado respectivamente por 53,4% e 55,9% de nossos jovens recifenses como forte empecilho para a vida, já os estudantes paulistanos, esses percentuais foram maiores, sendo de 69,5% e 70,1% respectivamente, uma valorização tão pequena em relação à tolerância deve ser algo preocupante. Segundo os autores do APE, nesse momento convém recordar os achados concernentes,

ao fato de os jovens pensarem ter mais adversários que amigos e que os conflitos são mais resolvidos pela agressão do que pelo diálogo. Na medida em que o outro é visto como provável adversário, só mesmo a justiça (que se institucionaliza no Poder Judiciário) para garantir a harmonia social, pois a tolerância, além de pressupor a abdicação de uma parcela de poder pessoal, depende de relações de confiança. (La Taille & Harkot-de-La-Taille, 2006, p.180).

Agora notemos como os educandos nordestinos comparam a importância de cinco virtudes, todas elas morais, para o convívio entre as pessoas. Observemos que a honestidade 52,8 e humildade 29,7 são as virtudes mais escolhidas, sem diferenças significativas atribuíveis a tipo de escola frequentada, gênero e autoavaliação. Já no que se refere aos jovens paulistanos, os per-

centuais não foram diferentes, a honestidade ficou em 51,5% e humildade em 29,9%. Ainda para os autores da APE, “que a honestidade tenha recebido praticamente a metade das escolhas não deve ser estranho: essa virtude, que implica assumir responsabilidade e ter honradez, faz-se presente em todos os conteúdos morais” (p.180).

Em contrapartida, destacamos o fato de a humildade ser a segunda mais escolhida, na frente de virtudes como a lealdade (muito relacionada à amizade, portanto ao espaço privado) e à generosidade (também relacionada ao espaço privado), essa análise vale para os dois levantamentos, o do Sudeste e o do Nordeste do Brasil.

Ainda em relação ao estudo realizado por La Taille e Harkot-de-La-Taille (2000, citado por La Taille & Harkot-de-La-Taille, 2006), no qual haviam solicitado um ranking por ordem de importância de 10 virtudes. Consistentemente com os resultados agora coletados, e o levantamento do Sudeste do Brasil, a humildade ficou em primeiro lugar, justo na frente da justiça e da fidelidade. É importante mencionar nesse momento o questionamento levantado pelos criadores do inventário da APE a esse respeito,

por que está a humildade tão valorizada pelos jovens? Hoje em dia, mostrar-se, falar de si, fazer de si um objeto de marketing, são estratégias sociais cada vez mais comuns e que, é claro, em nada se relaciona com a humildade, muito pelo contrário. Esta forte presença de variadas formas de vaidade talvez explique porque a virtude que lhe é contrária esteja ela mesma, no centro das atenções. (La Taille&Harkot-de-La-Taille, 2006, p.181).

OS PROJETOS DE VIDA E A SUA REALIZAÇÃO

Conforme preconiza os autores da APE, nesse momento é importante mostrar

a análise dos achados alusivos ao que pensam os jovens a respeito de sim mesmos, que estão expressos em quatro itens, o que não ser o que ser, amor, justiça, sentido (reunidos em um único item), e vida realizada.

O QUE NÃO SER

Foi pedido aos discentes que escolhessem, entre quatro questões, a pior para a vida: ser otário, ser injustiçado, ser desprezado ou ser sozinho. Dessa forma, a escolha das alternativas injustiçado, desprezado e ser sozinho,

deu-se em razão do conhecido sofrimento psíquico que costumam causar. Acrescentamos à alternativa otário porque queríamos verificar se o ser enganado por pessoas mais espertas – tema frequente nos dias de hoje – comparecia entre as representações de si com valor mais negativo. Não foi o que aconteceu (La Taille & Harkot-de-La-Taille, 2006, p.181).

Podemos constatar também no trabalho desenvolvido aqui no Nordeste do Brasil, como no do Sudeste, que não houve registro digno de nota que revelasse, se o ser enganado por pessoas mais espertas se mostrasse entre as representações de si, com valor mais negativo.

De outra forma, vindo a fortalecer os resultados anteriores de maneira consistente, a opção injustiçado foi a mais preferida pelos jovens, com 44% da amostra. Todavia, as categorias, sozinho 28,6% e desprezado 21,5%, tiveram igualmente uma percentualidade significativa. O ser otário teve somente 5,9% das respostas, sendo eles com 9,6% mais preocupados com essa possibilidade do que elas, com 2,6%. Os adolescentes com autoavaliação escolar baixa do mesmo modo se distin-

guem de seus companheiros nessa questão: 12,3% pensam que ser otário é a pior coisa da vida, enquanto apenas 4,7% dos alunos notas boas e 5,4% daqueles notas médias pensam a mesma coisa.

No estudo desenvolvido no Sudeste do Brasil, houve uma diferenciação dos estudantes de escolas particulares e públicas, no que se refere à categoria injustiçado, com 34,5% e 42,5% respectivamente, já no nosso levantamento, não foi encontrado tal diferenciação, ficando os alunos de escola particular com 44,2% e pública com 43,6% das respostas, ou seja, houve um equilíbrio das respostas.

Da mesma forma, tanto os alunos das escolas particulares como públicas, optaram igualmente pela categoria solidão, com percentuais de 29% e 28,1% respectivamente. O tema solidão parece estar, portanto, distribuído, equilibrado entre os jovens de nível social economicamente mais elevado e inferior. Já no Sudeste foram encontrados os seguintes valores, 33,3% para escola particular e 26,4% para pública, uma diferença de 6,9%. Assim, podemos sintetizar no que se refere ao tópico o que não ser, que ser injustiçado, ser amado e ser desprezado divide as ideias dos adolescentes quando o tema é o pior para suas vidas.

O QUE ESPERAM DA VIDA

Nesse momento foi proposta uma questão contrária à anterior, solicitando aos entrevistados que expusessem o que esperavam da vida: Ter fama? Ter emprego? Ter amigos? Ter filhos? Ter reconhecimento social? Para cada variável, quatro opções foram apresentadas: muito importante, importante, pouco importante e nada importante. Observamos que a alternativa emprego foi aquela que mais respostas muito importante obtiveram 92,1%.

Inversamente ao que se poderia esperar em tempo de procura de sucesso, a importância da fama aparece bem abaixo daquela atribuída às variáveis: ela foi reconhecida como muito importante somente por 8,7%, e como importante por 24,2%. Mas isso não quer dizer que os respondentes desprezem serem vistos. Com efeito, 87,9% pensam que o reconhecimento social é muito importante ou importante. Isto quer dizer, conforme os inventores da APE, que grande parte desfavorece o aspecto ilusório da fama, mas não a forma legítima do reconhecimento social, “note-se que o reconhecimento social sempre implica mérito, enquanto que o mesmo não vale para a fama” (p.183).

No que se refere ao âmbito das relações privadas, ter amigos aparece como mais importante que ter filhos, embora importância tenha sido atribuída pela maioria dos púberes a ambas alternativas. É importante destacar que, para amigos, 69,3 dos entrevistados optaram por muito importante, enquanto que essa porcentagem cai em 42,4% para filhos. Em se tratando de estereótipo de gênero era de se imaginar que elas fossem mais voltadas a eleger filhos a amigos, mas não foi o que ocorreu: 69,6% delas atribuíram muito importância a amigos, e 44% a filhos. Eles fizeram iguais: 68,9 deram muito importância a amigos e 40,4% a filhos.

Quando comparamos os dois estudos, percebemos que não há diferenças dos dados encontrados, ou seja, os levantamentos convergem para resultados muito próximo um do outro, observemos os dados do levantamento com os discentes paulistanos. A alternativa emprego também obteve mais respostas muito importante (91,5%). A importância da fama também aparece bem abaixo daquela atribuída aos outros indicadores: ela foi adotada como muito importante somente por 9,8%, e como importante por 29,1%. Já 90,1% avaliam que o reconhecimento social é muito importante ou importante.

Já no que se refere às relações privadas para o alunado paulistano, também ter amigos aparece como mais importante que ter filhos, ainda que a importância tenha sido atribuída pela maioria a ambas alternativas. Assim, para amigos, 72,8% dos paulistanos escolheram muito importante, enquanto que essa porcentagem diminuiu para 42,2% para filhos. 71,2% delas atribuíram muito importância a amigos, e 42,9% a filhos. Eles fizeram iguais: 71,2% deram muito importância a amigos e 41,3% a filhos.

AMOR, JUSTIÇA E SENTIDO

Em outro momento solicitamos aos entrevistados que optassem sobre o que é mais importante para a sua vida: ser amado? Ser tratado de forma justa? Achar que a vida vale a pena ser vivida? Sendo assim, esse é um tipo de item que se refere à questão filosófica:

trata-se de três temas maiores: o amor, a justiça e o sentido da vida. Na perspectiva teórica na qual nos colocamos, a ordem de importância é a que segue. Em primeiro lugar o tema ético do sentido de vida, sem o qual todo o resto deixa, ele mesmo, de fazer sentido. Em segundo lugar, o tema moral da justiça. E em terceiro lugar, o tema afetivo do amor, entendido aqui não no seu sentido emocional. (La Taille & Harkot-de-La-Taille, 2006, p.184).

No cômputo geral constatamos igualmente a ordem de importância seguida pelos discentes, em que o ser amado, com 26%, é a alternativa menos lembrada. A justiça com 37,2% e o sentido da vida 36,8% ficaram com resultados empatados. Pode-se dizer que ser tratado de forma jus-

ta e viver uma vida que vale a pena dividem as opiniões. Para os estudantes paulistanos o ser amado, atingiu um 21,6%, é a alternativa menos lembrada também. A justiça 41,2% e o sentido 37,3% obtiveram resultados parecidos, com pequena vantagem para a justiça.

VIDA REALIZADA

Foi indagado aos jovens se eles consideravam-se com grandes, moderadas, pequenas, as chances de se realizarem na vida, ou se elas eram inexistentes. Dessa forma, no que se refere à amostra total, o otimismo está presente em 97,9% dos investigados, ou seja, acreditam nas suas chances, sendo que a maioria 65% pensa que elas são grandes. É importante observar o fato de 32,9% dos púberes se restringirem a acreditar que suas chances são apenas moderadas: pode tratar-se de cautela, mas também de sérias dúvidas a respeito do amanhã. Temos também que nossos dados convergem de forma proporcional com os estudos do Sudeste do Brasil, assim, o otimismo está presente também em 95,3% dos participantes, também acreditam nas suas chances, sendo que a maioria 56,1 pensa que elas são grandes, já 39,2% dos jovens, pensam que suas chances são moderadas.

No que se refere ao gênero, encontramos diferenças, enquanto 60,4% deles consideram ter grandes chances de se realizar na vida, esse número sobe para 68,9% entre elas. Em relação ao tipo de escola, localizamos diferenças, enquanto 61,9% dos alunos da escola particular referem ter grandes chances de se realizar na vida, esse número sobe para 68,1% os de escola pública. No trabalho desenvolvido no Sudeste do Brasil não houve ocorrência de diferenças entre os gêneros, nem em relação aos dois tipos de escola.

Notemos agora como os jovens se comportam em relação à autoatribuição de nota e a análise da APE:

A AUTOATRIBUIÇÃO DE NOTA

Em relação se consideravam suas notas escolares boas, médias ou ruins, as respostas mostraram que 24,9% se auto-avaliaram como tendo notas boas, 66,8% como tendo notas médias, e apenas 8,3% como tendo notas ruins. Já os jovens de São Paulo, 33% se julgaram com notas boas, 62,1% notas médias e 4,9% se auto-atribuíram com notas ruins. Os resultados das duas investigações mostraram que os discentes das duas regiões brasileiras não são tão diferentes quando se autoavaliam, revelando assim um percentual de mais de 60% referirem terem notas médias.

ANÁLISE DA APE

Em relação ao item 19 do instrumento, que é a última questão da APE, foi solicitado para os estudantes que analisassem a relação entre os conteúdos das questões da APE, e a sua própria vida, ressaltamos o seguinte, os resultados mostram que 20% do total avaliaram que os conteúdos da APE eram muito relacionados à sua vida, 58,7% que eram relacionados. Dessa forma, temos que 78,7% dos jovens julgaram que as questões a que foram submetidos tinham a ver com suas vidas. Apenas 18,6% afirmaram que havia pouca relação e 2,7% que não havia relação alguma. Comparando com o estudo da Região Sudeste, observa-se que os resultados ficaram bem próximos, 79,4% dos discentes também avaliaram que as questões estavam relacionadas com suas vidas. Para os autores da APE, esses dados “testemunham a qualidade do instrumento para conhecer valores, perspectivas e graus de confiança da população estudada”(p.152).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O comportamento moral caracteriza-se como o suporte que consolida o exercício de profissionais que anseiam efetivas práticas em prol do desenvolvimento moral. Psicólogos e educadores da Educação Infantil, interessados no comportamento moral, devem atentar para a expansão das incalculáveis relações que demandam um reordenamento constante dos conhecimentos advindos dos diferentes campos do saber, devem pautar-se na perspectiva multifacetada das interfaces da Psicologia com a Educação, lembrando que o professor, segundo Koller (1997), é a referência e a identificação existente entre a criança e a comunidade.

Neste estudo não tivemos a pretensão de esgotar o tema aqui desenvolvido, e nem tampouco sermos conclusivos, contudo, ressaltamos que praticamente os jovens das duas investigações, se mostraram com os mesmos desejos e anseios, em suas dimensões sociais, políticas e culturais, apesar de pertencerem a duas regiões distintas do Brasil. A representação de uma forma geral dos adolescentes estudantes do Grande Recife seriam a de um jovem otimista em relação ao progresso da sociedade e também presumivelmente otimista quanto às possibilidades de realização de seu projeto de vida.

Agora retornemos à indagação feita no início do estudo, o jovem brasileiro sofre de vazio de sentido? Conforme os autores de La Taille e Harkot-de-La-Taille (2006), “não se pode responder de forma afirmativa, em razão do otimismo encontrado a respeito do progresso pessoal e do mundo” (p.189). Não obstante, algo chama atenção nos resultados encontrados para ambos os levantamentos: que os jovens conferem mais créditos aos pais e amigos, e se sentem por eles bem mais incentivados quanto a seus valores do que pela escola, pela mídia e pela religião. Por outro lado, o espaço público se mostra ser hostil, pois nele iden-

tificam mais adversários do que amigos e mais agressividade do que diálogo, veem também com suspeição as instituições políticas e conseqüentemente os políticos. O questionamento que se pode fazer é o seguinte, por se tratar de adolescentes, e que por sua vez estão em fase de desenvolvimento biopsicossocial, e de descoberta da própria identidade, e de seu espaço perante a sociedade, não é de se esperar que eles se comportem dessa forma?

Podemos constatar ainda, que os jovens consideram a moral como essencial para a sociedade, com particular destaque para a justiça, a honestidade e a humildade. E acreditam também que os pobres e negros são vistos como os que mais sofrem discriminação pela sociedade, que a pior coisa na vida é sofrer injustiças, e que as ocorrências de violência, da má preparação profissional, da crise econômica e do racismo são grandes empecilhos para se viver de forma satisfatória.

Já no que se refere à escola, que tem a função de preparar o jovem para a passagem entre o espaço privado e o espaço público, é atribuída o mérito do papel social aos professores e neles tende a confiar, julgam aprenderem na escola coisas significativas para lidar com dificuldades que possa aparecer e para sua formação enquanto indivíduo.

Ao serem abordados sobre seus desejos, eles incidem necessariamente sobre ser tratado de forma justa e viver uma vida que vale a pena ser vivida. Serem mães e pais e ter reconhecimento social são percebidos como importantes, mas menos do que ter trabalho e amigos.

REFERÊNCIAS

- Bauman, Z. (2004). Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Biaggio, A. M. B. (2006). Lawrence Kohlberg: Ética e educação moral (2ª ed.). São Paulo: Moderna.
- Biaggio, A. M. B., Vikan, A. & Camino, C. P. S. (2005). Orientação social, papel sexual e julgamento moral: Uma comparação entre duas amostras brasileiras e uma norueguesa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(1), 1-6.
- Colombo, T. F. S. & Dias, C. L. (2010). Desenvolvimento sociomoral no contexto escolar: uma experiência com crianças do ciclo I - Ensino Fundamental. *Rev. Psicopedagogia*, 27(82), 3-14.
- Comte-Sponville, A. (2010). *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes.
- Conselho Federal de Psicologia. (2000). Dispõe sobre a realização de pesquisa em psicologia com seres humanos. Resolução nº 016/2000. Brasília. Recuperado em 02 de junho, 2014, de http://www.fiocruz.br/ipecc_novo/media/11PesquisaPsicologiaSeresHumanos.pdf
- Cortella, M. S. & La Taille, Y. (2009). *Nos labirintos da moral*. Campinas, São Paulo: Papirus.
- Dellazzana-Zanon, L. L.; Bordini, G. S.; Sperb, T. M. & Freitas, L. B. L. (2013). Pesquisas sobre desenvolvimento moral: Contribuições da psicologia brasileira. *Revista Psico*, 44 (3), 342-351.
- Durkheim, E. (2011). *O suicídio: estudo sociológico*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho originalmente publicado em 1897).
- Freitas, L. B. L. (2003). *A moral na obra de Jean Piaget: Um projeto inacabado*. São Paulo, Brasil: Cortez.
- Gomide, P. I. C. (2010). *Comportamento Moral*. In: Gomide, P. I. C (Ed.) *Comportamento Moral: uma proposta para o desenvolvimento das virtudes*, (17-34). Curitiba: Juruá.

- Imanishi, H. A., Passarelli, V. L. S. & La Taille, Y. de (2011). Moral no mundo adulto: a visão dos jovens sobre os adultos de hoje. *Educ. Pesqui*, 37(4), 7 43-762.
- Killen, M. & Smetana, J. G. (2006). *Handbook of moral development*. Mahwah, NJ: Lawrence Earlbaum Associates.
- Kohlberg, L. (1992). *Psicologia del Desarrollo Mental*. Bilbao: De Desclée.
- Koller, S. H. (1997). Educação para pró-sociabilidade: uma lição de cidadania? *Paidéia, USP*, 2(13), 39-50.
- La Taille, Y. de. (1992). Desenvolvimento do juízo moral e afetividade na teoria de Jean Piaget. In: Y. de La Taille, M. K. Oliveira & H. Dantas. *Piaget, Vygotsky e Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus.
- La Taille, Y. de (2000). Para um estudo psicológico das virtudes morais. *Educação e Pesquisa*, 26(2), 109-121, USP. São Paulo.
- La Taille, Y. de (2001). Desenvolvimento moral: a polidez segundo as crianças. *Caderno de Pesquisa*, 114, 89-119.
- La Taille, Y. (2006a). *Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre: Artmed.
- La Taille, Y. (2006b). A importância da generosidade no início da gênese da moralidade na criança. *Psicol. Reflex. Crit.*, 19(1), 9-17.
- La Taille, Y. (2009). *Formação ética: Do tédio ao respeito de si*. Porto Alegre: Artmed.
- La Taille, Y. (2010). *Moral e Ética: uma leitura psicológica*. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 26(especial), 105-114, USP. São Paulo.
- La Taille, Y. de (2011). *Ética para meus pais*. São Paulo: Papirus.
- La Taille, Y. de (2014). *Humor e tristeza: O direito de rir*. São Paulo: Papirus.
- La Taille, Y. & Harkot-de-La-Taille, E. (2006). Apêndice. *Valores dos jovens de São Paulo*. In Y. de La Taille, *Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas* (pp.151-189). Porto Alegre: Artmed.
- Lima, V. A. A. (2004). *De Piaget a Gilligan: retrospectiva do desenvolvimento moral em psicologia um caminho para o estudo das virtudes*. *Psicol. cienc. prof.*, 24(3), 12-23 .
- Lourenço, O. M. (1992). *Psicologia do desenvolvimento moral: Teoria, dados e implicações*. Coimbra: Almedina.
- Ministério da Saúde. (1996). *Diretrizes e normas para pesquisa e envolvendo seres humanos*. Resolução CNS 196/1996. Brasília: Conselho Nacional de Saúde.
- Nucci, L. (2001). *Education in the moral domain*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Piaget, J. (1994). *O juízo moral na criança* (E. Lenardon, trad.). São Paulo: Summus. (Trabalho original publicado em 1932)
- Rossetti, C. B. & Ortega, A. C. (2012). *Cognição, afetividade e moralidade: estudos segundo o referencial teórico de Jean Piaget*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sampaio, L. R. (2007). A psicologia e a educação moral. *Psicologia: Ciência Profissão*, 27(4), 584-595.
- Taylor, C. (1997). *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. (A. U. Sobral & D. A. Abreu, Trad.). São Paulo: Loyola. (Trabalho original publicado em 1989).
- Vale, L. G. & Alencar, H. M. (2012). A generosidade em contraposição à obediência à autoridade: juízos morais de crianças e adolescentes. In C. B. Rossetti & A. C. Ortega (Orgs.) *Cognição, afetividade e moralidade: estudos segundo o referencial teórico de Jean Piaget* (pp.215-235). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Tabela 1. Porcentagem em relação à importância do professores para o progresso da sociedade (n=1258). Recife (PE), 2012-2013.

Importância do professores para o progresso da sociedade	Respostas em %
Muito importante	83,9
Importante	15,3
Pouco importante	4
Nada importante	4

Tabela 2. Porcentagem em relação ao grau de confiança na escola (n=1258). Recife (PE), 2012-2013.

O grau de confiança na escola	Respostas em %
Confio muito	15,7
Confio	57,7
Confio pouco	22,9
Não confio	3,7

Tabela 3. Porcentagem em relação: Qual dos 5 itens você acha mais importante para a sociedade? (n=1258). Recife (PE), 2012-2013.

Qual dos 5 itens você acha mais importante para a sociedade?	Respostas em %
Moral	62,5
Religião	19,7
Ciência	7,6
Política	7,2
Arte	3

Gráfico 1. Porcentagem em relação:Qual das 5 virtudes é mais importante para a sociedade? (n=1258).Recife (PE), 2012-2013.

